

QUÍMICA EM LIBRAS: A TRADUÇÃO COMO INSTRUMENTO DE ACESSIBILIDADE LINGUÍSTICA¹

Kátia Michaele Conserva Albuquerque
Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro
Instituto de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

A produção de materiais em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) tem sido ampliada no Brasil principalmente por meio das traduções literárias. As primeiras iniciativas contemplaram clássicos da literatura infantil mundial. Entretanto, existe necessidade de materiais didáticos produzidos em Libras que foquem os conteúdos curriculares educacionais, em especial do Ensino Médio. Assim, apresentamos ações do projeto Química em Libras que consiste na produção de tecnologia assistiva por meio da produção de um DVD com conteúdos de química em Libras a fim de oferecer suporte a alunos surdos, alunos ouvintes, professores e intérpretes do âmbito educacional. O objetivo geral do projeto é contribuir ao contexto educacional inclusivo da Pessoa Surda por meio da tradução de material didático da disciplina de Química. Por seu caráter interdisciplinar, o projeto, por meio de suas ações, irá propiciar o aperfeiçoamento de intérpretes de Libras e professores de disciplinas durante a discussão dos conteúdos, da metodologia e de estratégias de tradução. As etapas metodológicas estão organizadas em seis fases a fim de favorecer a execução do projeto: estudo aprofundado dos textos na língua fonte; preparação do recurso visual didático; gravação das traduções; apresentação do material didático a alunos surdos do ensino médio; edição final dos DVDs; distribuição dos DVDs para instituições educacionais. Dessa forma, esperamos contribuir com a proposta inclusiva social e educacional que deve ampliar as ações referentes à acessibilidade linguística considerando os aspectos linguísticos e culturais envolvidos pela surdez, tornando acessível, divulgando e ofertando conteúdos curriculares em Libras, promover acessibilidade linguística, qualidade educacional no processo de ensino-aprendizagem e formação docente.

Palavras-chave: química; Libras; tradução.

Introdução

Diante do contexto educacional diversificado que vivemos hoje, a escola tem uma nova responsabilidade: promover a inclusão educacional. A Declaração de Salamanca, documento elaborado em 1994, trata dos princípios, políticas e práticas na área das necessidades educacionais especiais. Define que "as políticas educacionais devem levar em total consideração as diferenças e situações individuais". Reconhece a língua de

¹ O projeto Química em Libras é financiado do Programa de Gestão Sustentável do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) – Campus João Pessoa.

sinais como língua de uso das pessoas surdas, “a importância da linguagem de signos como meio de comunicação entre os surdos, por exemplo, deveria ser reconhecida e provisão deveria ser feita no sentido de garantir que todas as pessoas surdas tenham acesso à educação em sua língua nacional de signos”.

A inclusão de alunos surdos no sistema regular de ensino exige um processo de adaptação e reformulação das práticas pedagógicas, visando à aprendizagem destes alunos. Esta realidade põe em questão a formação dos profissionais que atuam no ensino.

O projeto ressalta a difusão de conteúdos curriculares em Libras como elemento fundamental na formação dos processos mentais e no desenvolvimento cognitivo da pessoa surda e a necessidade de implantar metodologias adequadas à aprendizagem destes alunos, envolvendo um olhar sobre outros atores do contexto educacional inclusivo, professores, intérpretes de Libras e alunos da licenciatura em Química.

As concepções teóricas sobre a educação de surdos, em escolas bilíngues ou escolas regulares, têm questionado o processo de ensino-aprendizagem. As dificuldades e angústias vivenciadas por estudantes surdos, em geral, devem-se à inadequação metodológica, a pouca oferta de materiais didáticos em Libras e a dificuldades vivenciadas no processo de leitura e escrita da língua portuguesa.

Nossa proposta possui como objetivo geral contribuir ao contexto educacional inclusivo da Pessoa Surda por meio da elaboração de material didático da disciplina de Química, abordando conteúdos do primeiro ano do ensino médio. Os objetivos específicos consistem em: incentivar a produção de recursos visuais por meio da tradução de conteúdos em química; verificar a adequação do recurso visual didático para os conceitos através da exposição imagética; contribuir para a formação de professores de química numa perspectiva inclusiva, especialmente aqueles que o currículo não ofertou uma formação em Libras; estimular o compromisso do aluno de graduação com a construção de metodologias para o ensino de surdos; contribuir com a difusão da Libras por meio da distribuição de DVDs dos conteúdos traduzidos.

A ausência de materiais em Libras é outro elemento que impede maior apropriação dos conteúdos curriculares. Quando nos referimos às pessoas surdas compreendemos que a oferta de materiais didáticos em Libras é essencial ao seu desenvolvimento cognitivo, por favorecer os processos conceituais sobre o mundo. Por entender que a língua de sinais é a língua natural dos surdos concebemos a Pessoa Surda não como deficiente,

mas alguém que a diferença proporciona um desenvolvimento e apreensão de mundo por meio de experiências visuais, diferente do ouvinte.

Neste pensamento, desejamos ofertar por meio de tecnologia assistiva o acesso a conhecimentos em química. Segundo Sartoretto e Bersch (2014) o conceito de tecnologia assistiva é definido pelo Comitê de Ajudas Técnicas (CAT) como "uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (Sartoretto e Bersch, 2014).

As tecnologias assistivas desenvolvidas para pessoas Surdas devem atender a acessibilidade linguística e conceber o Surdo enquanto um sujeito que necessita alcançar um perfil de "normalidade", mas alguém que processa informações de um modo diferente, que constrói uma identidade e cultura baseado em sua experiência de mundo.

Considerando que a linguagem também se constitui em meio ao social, através das relações interpessoais e dos valores imbuídos nas práticas sociais, o uso da língua de sinais ratifica os aspectos sociais da surdez como diferença. Uma mudança de enfoque na "falta" para um enfoque na "diferença". Tal conceito tem direcionado uma nova perspectiva sobre a língua de sinais, tornando-a visível e relacionando a surdez à concepção da diferença linguística e cultural (GESSER, 2009, p. 10).

Esforços têm sido destinados à construção de metodologias que favoreçam um processo educativo baseado no respeito à cultura e identidade surda, construção que pressupõe a garantia dos conhecimentos teóricos em Libras. A educação inclusiva com foco na formação bilíngue das pessoas surdas deve contemplar o conhecimento pleno da língua de sinais e as especificidades em relação ao processo de ensino-aprendizagem. Este é um processo de constante reformulação a fim de estabelecer as adequações necessárias ao ensino da Pessoa Surda. Sousa e Silveira (2011) elencaram dificuldades vivenciadas por docentes e intérpretes de Libras sobre o ensino de química.

Tabela 1: Percepção dos professores sobre o ensino de química para alunos surdos

- Dificuldade na comunicação do professor com alunos surdos;
 - Desconhecimento do processo de criação de sinais dos conceitos químicos;
 - Dificuldade em lidar com a presença de intérpretes e alunos surdos;
 - O professor com conhecimento de libras terá maior facilidade em lidar com o ensino de química para surdos;
-

- Necessidade de salas com recursos e materiais didáticos específicos;**
- Tempo escolar é insuficiente para trabalhar os conceitos químicos com alunos surdos;**
- A interação de alunos surdos com os ouvintes é rápida e ocorre naturalmente;**
- Não existe inclusão de alunos surdos;**
- A aprendizagem de alunos surdos é a mesma comparada com os ouvintes.**

Fonte: Sousa e Silveira (2011)

Tabela 2: Visão dos intérpretes sobre o ensino de química para alunos surdos

- Falta de sinais dos conceitos químicos;**
- Sinais diferentes do mesmo conceito em diversas escolas;**
- Priorização da língua portuguesa em relação à língua de sinais (Libras);**
- O comprometimento da aprendizagem escolar para oralização;**
- A falta de material adaptado e de apoio didático-pedagógico;**
- A velocidade do ritmo das aulas de química e das traduções português-libras;**
- Conhecimento do assunto pelas intérpretes.**

Fonte: Sousa e Silveira (2011)

Embora os pontos coletados pela pesquisa refiram-se ao ensino de química, eles também se revelam como experiência compartilhada por docentes e intérpretes de outras disciplinas. Evidenciam que o conhecimento parte primeiro da língua portuguesa (língua de instrução) para a língua de sinais. Por vezes, a priorização da língua portuguesa sobrepõe à aprendizagem dos conteúdos. Os dados mencionados pela pesquisa de Sousa e Silveira (2011) refletem a realidade do contexto educacional da Pessoa Surda em diversas localidades.

Metodologia

O projeto “Química em Libras: a tradução de conteúdos curriculares do 1º ano do ensino médio” possui como elemento importante a produção em conjunto do material por professores, intérpretes de Libras e alunos de licenciaturas. A disponibilização deste material didático contribuirá com a melhoria da qualidade de educação de surdos. A tradução de livros didáticos pressupõe uma série de etapas realizadas pelo tradutor no processo de tradução da língua fonte, a língua portuguesa, para a língua alvo, a LIBRAS. As etapas metodológicas foram organizadas a fim de favorecer a execução da sistematização da pesquisa.

1ª etapa

- Estudo e discussão sobre os textos selecionados - tradutores de Libras;
- Estudo dos referenciais teóricos que guiarão a preparação do material didático visual, tais como: recurso visual, percepção visual do surdo, conceitos químicos – professora de Libras e aluno da Licenciatura em Química.

2ª etapa

Preparação do recurso visual didático. Tais recursos serão elaborados mediante os seguintes passos: coleta de imagens que representem as informações sobre os temas e definição dos recursos visuais aliados a gravação em chroma key. Esta etapa será executada pelo aluno bolsista.

3ª etapa

Gravação das traduções para a Libras.

4ª etapa: Edição dos vídeos

Esta etapa será realizada por um profissional externo, editor de vídeos, em virtude do número de profissionais da área e da demanda de trabalho relativa ao Campus João Pessoa que os mesmos possuem.

5ª etapa: Avaliação do material didático

Apresentação do material didático a alunos surdos do ensino médio. Este será o grupo de controle. Após exposto, será solicitado que o surdo explique o que ele acabara de compreender sobre o conteúdo. Tal explicação será filmada para que os professores colaboradores analisem.

6ª etapa: Edição final das videoaulas

Nesta etapa, as videoaulas serão editadas conforme validação de alunos surdos e professores colaboradores.

7ª Etapa: Distribuição dos DVDs

Uma vez prontos, os DVDs serão distribuídos para as instituições parceiras, secretarias de educação e demais instituições educacionais que demonstrarem interesse.

A avaliação das atividades do projeto será frequente, uma vez que o processo de tradução do texto exige a análise do conteúdo, das estratégias de tradução e do léxico envolvido. A gravação da tradução e a edição dos vídeos também serão avaliadas. O acompanhamento das ações e dos participantes do projeto será baseado nas metas estabelecidas e nos indicadores de resultados delineados conforme cada etapa metodológica. Sobre os colaboradores, a equipe do projeto será composta por 01 aluno da Licenciatura em Química, 01 professora e 02 intérpretes de Libras. Os tradutores de Libras possuem formação em química e experiência em interpretação da referida disciplina, ou seja, possuem competência linguística e referencial para cumprir com as atividades de tradução propostas.

Resultados esperados

As ações de acessibilidade às Pessoas Surdas configuram-se em pesquisas sobre metodologias de ensino e difusão da Libras. A diferença linguística é o ponto inicial das discussões educacionais sobre este público, pois perpassa valores relacionados à identidade e direitos linguísticos de minorias.

Considerando que a subjetividade da pessoa surda é constituída por meio da experiência visual, compreendemos que o processamento da informação ocorre por meio da visualidade. Perante tantas representações, a mudança do enfoque possibilitou um discurso politizado no qual a Língua de Sinais se configurou como símbolo de luta e aceitação da Pessoa Surda. O reconhecimento sociolinguístico fortaleceu a defesa da Língua de Sinais que atravessou décadas de proibição de seu uso nos espaços educacionais (STROBEL, 2008).

A inclusão escolar deste público é permeada de desafios político-linguísticos, pois, as mudanças essenciais referem-se aos aspectos linguísticos envolvidos nos atos de comunicação e de transmissão dos conhecimentos curriculares. Nesse sentido, a educação inclusiva vivencia o desafio de consolidar práticas educacionais que contemplem tais particularidades. O investimento em tecnologias assistivas reflete o reconhecimento à especificidade linguística da Pessoa Surda, além de promover autonomia no acesso ao conhecimento, pois são compreendidas como recursos e serviços que promovem autonomia e inclusão.

Vislumbramos escolas acolhendo falantes de outra língua constituindo uma comunidade bilíngue, como afirma Santana (2007) sobre o cenário educacional: usos da língua, interlocutores proficientes, métodos formais e informais de aprendizagem. Dessa forma, esperamos contribuir com a proposta inclusiva do IFPB que deve ampliar as ações referentes à acessibilidade linguística considerando os aspectos linguísticos e culturais envolvidos pela surdez, tornando acessível, divulgando e ofertando conteúdos curriculares em Libras.

REFERÊNCIAS

FIORIN, J.L. A linguagem em uso. In: FIORIN, J.L. (Org.). Introdução à linguística. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

PERLIN, G.; QUADROS, R. M. O ouvinte: o outro do outro surdo. Em anais do III Seminário de Estudos Interculturais. UFSC: Florianópolis. 2003.

PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. Língua de sinais: estudos linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. L. P. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

SOUZA JUNIOR, J.E.G. Teoria e prática de tradução e Interpretação da língua de sinais. São Paulo: Know How, 2010

SOUSA, S.F.; SILVEIRA, H.E. Terminologias químicas em Libras: a utilização de Sinais na aprendizagem dos alunos surdos. Revista Química Nova na Escola. Vol. 33, Nº 1, FEVEREIRO 2011. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc33_1/06-PE6709.pdf Acesso em: 28 mar. 2014.

STROBEL, K. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SANTANA, A.P.; BERGAMO, A. CULTURA E IDENTIDADE SURDAS: ENCRUZILHADA DE LUTAS SOCIAIS E TEÓRICAS. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005 565 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.